

LIDERANÇA na igreja

VERDADE DIVINA



SUMÁRIO

Liderança proativa - <i>David Petterson</i>	3
Liderança masculina - <i>David Vallance</i>	4
Liderança qualificada - <i>A. J. Higgins</i>	7
Liderança compartilhada - <i>Matthew Cain</i>	10
Liderança pastoral - <i>Stephen Grant</i>	12
Liderança cristã - <i>Gary Tarrant</i>	15
Liderança reconhecida - <i>David Hanley</i>	18
Liderança responsável - <i>Donald Armstrong</i>	21
Liderança transicional - <i>John Dennison</i>	23
Diaconos - <i>Mark Sweetnam</i>	26

O objetivo desta revista é edificar, exortar e incentivar cristãos para que sejam mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo.

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo...” Colossenses 1:9-10

Copyright © Verdade Divina, São Sebastião do Passé, Bahia, Brasil - www.verdadedivina.com.br

Correspondência pode ser dirigida para o editor pelo e-mail: info@verdadedivina.com.br

Os artigos são traduzidos por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da tradução João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, 2009, Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

LIDERANÇA PROATIVA

David Petterson

Liderança reativa. É possível que você esteja em uma igreja local onde esse é um problema há muito tempo. E, nesse caso, torna-se exponencialmente difícil corrigir o ciclo. O tempo dos presbíteros é consumido para lidar com os problemas, sejam eles relacionais, doutrinários ou morais. Sobra muito pouco tempo e energia para pensar (e muito menos para planejar) a saúde da igreja a longo prazo. Mas as crises geralmente não se acumulam sob uma liderança proativa. Portanto, o mais rápido possível, a liderança reativa precisa encontrar uma maneira de dar a volta por cima e se tornar proativa. Com a ajuda do Senhor, isso é possível.

Como é especificamente a liderança proativa? Em primeiro lugar, os líderes proativos se reúnem (Atos 20:17-38), mas não apenas quando há problemas para resolver e pessoas para conversar. Uma reunião de presbíteros planejada regularmente e com participação total (Atos 21:18 – “e todos os anciãos vieram ali”) é um bom ponto de partida para promover a liderança proativa. A oração e a leitura das Escrituras ajudam a trazer o foco necessário para uma reunião de anciãos e devem ser praticadas com fervor.

Mas não basta simplesmente se reunir, orar e ler; os líderes proativos planejam. Qualquer coisa que façamos bem requer planejamento. Quando se reúnem, os anciãos discutem principalmente as necessidades espirituais do rebanho e a melhor forma de atendê-las, e não simplesmente como os fundos devem ser usados. Um ensino específico pode ser organizado, bem como o alcance potencial do evangelho. Um bom planejamento também garante que haja oportunidades para o uso e o desenvolvimento de dons espirituais na igreja local. Tudo isso exige trabalho árduo. Não é de se admirar que Paulo se refira ao “trabalho” dos anciãos mais de uma vez (1 Tessalonicenses 5:12; 1 Timóteo 5:17).

Os anciãos podem se reunir e planejar, mas depois se dispersam e não mantêm contato. Os líderes proativos se comunicam (observe o papel que os anciãos desempenharam no Conselho de Jerusalém em Atos 15 e a carta que circulou, comunicando de maneira clara a decisão). E como vivemos na era das mensagens instantâneas, não temos desculpas para a falta de comunicação. Uma rápida mensagem de texto, e-mail ou ligação pode rapidamente colocar todos atualizados e na mesma página, possibilitando que andem juntos de forma mais eficaz. Os anciãos não devem apenas se comunicar abertamente entre si, mas também com a igreja, não deixando todos no escuro sobre o que está sendo planejado.

É fundamental perceber que os líderes proativos se envolvem. Como os supervisores são “hospitaleiros” (1 Timóteo 3:2), isso pressupõe um certo nível de envolvimento com o povo do Senhor. Não é preciso dizer que os pastores passam tempo com as ovelhas. Ficar depois das reuniões para conversar e interagir com os cristãos da igreja local é uma ótima oportunidade para avaliar as necessidades e incentivar. Sair para almoçar ou tomar um café apenas para conversar pode ser extremamente valioso. Quanto mais você desenvolver relacionamentos com os fiéis sob seus cuidados, mais liberdade terá para liderá-los.

Também aprendemos com Paulo que os líderes proativos vigiam (Atos 20:31; veja também Hebreus 13:17). Assim como os pastores estão constantemente alertas a qualquer perigo que possa ameaçar as ovelhas, os supervisores também “zelam por nossas almas”. Um líder reativo age quando o perigo já chegou. O líder proativo vigia para garantir que esse mal nunca aconteça.

LIDERANÇA MASCULINA

David Vallance

A Palavra de Deus confia aos homens a autoridade e a liderança nos relacionamentos humanos. Assim, no governo da igreja local, o Novo Testamento exclui as mulheres das funções de liderança de presbítero e ensinador e, em vez disso, as chama para servir em tarefas igualmente importantes, mas complementares. As Escrituras baseiam essa divisão nos papéis de gênero não no valor ou na capacidade pessoal, mas sim na autoridade decorrente da liderança – um princípio fundamental que Deus incorpora em tudo o que faz.

O termo hierárquico “cabeça” (no hebraico *rosh*, no grego *kephale*) descreve o que está em primeiro lugar na hierarquia. Liderança pode ser confundida com senhorio, portanto, observe as seguintes distinções: senhorio tem a ver com propriedade, liderança tem a ver com ordem; senhorio é poder, liderança é posição; senhorio é governo, liderança é organização. Tanto um senhor quanto um líder assumem o papel principal entre outros. Um senhor exerce a força para subjugar-los; um líder aceita a autoridade para liderá-los. Os que estão sob o senhorio devem se curvar, mas os que estão sob a liderança se submetem de bom grado, reconhecendo a responsabilidade que está em seu líder de guiá-los e inspirá-los.

Pelo desígnio de Deus, o Senhor Jesus Cristo não é apenas Senhor, mas também Cabeça. Ele é o Cabeça sobre todas as coisas para a Igreja (Efésios 1:22), o Cabeça

da Igreja (5:23; Colossenses 1:18), o Cabeça de todos os homens (1 Coríntios 11:3) e o Cabeça de todo governo e autoridade (Colossenses 2:10). No Milênio vindouro, Deus “encabeçará todas as coisas em Cristo” (Efésios 1:10, JND) – o cumprimento espetacular de Seu plano de colocar um Homem sobre o universo (Gênesis 1:26; Salmos 8:5-6; Hebreus 2:8-9). Como Cabeça administrativa, Cristo assume a responsabilidade de liderar, motivar e ajudar aqueles que estão sob Sua liderança; como Cabeça orgânica, Ele assume o encargo de santificar, nutrir e cuidar do Seu corpo (Efésios 5:25-33). Todas as lideranças menores sob a liderança de Cristo acabam por honrá-Lo, de modo que a liderança é imensamente preciosa para Deus.

Embora o Senhor Jesus seja infinitamente maior do que as criaturas sob Sua liderança, o conceito de liderança em si nunca exige superioridade pessoal. A liderança é uma liderança funcional. A Bíblia revela essa hierarquia dentro da Trindade: embora o Pai, o Filho e o Espírito sejam iguais em existência e glória, o Filho se submete ao Pai, e o Espírito se submete ao Pai e ao Filho (1 Coríntios 11:3; João 14:26; 15:26). Como “Deus a cabeça de Cristo” (1 Coríntios 11:3), a submissão à liderança não pode envolver inferioridade.

Homens e mulheres são iguais em valor. No primeiro capítulo de Gênesis, Deus descreve o homem em geral – homem e mulher (versos 26-28). Em seu

relacionamento vertical com Deus, eles eram iguais, ambos criados à Sua imagem e à Sua semelhança, mas distintos em sua masculinidade e feminilidade. O segundo capítulo de Gênesis, no entanto, introduz a liderança. Aprendemos que a mulher foi feita depois do homem, a partir dele e para ele. Deus formou o homem e falou com ele sozinho antes de formar Eva, sua ajudante correspondente, ao seu lado. Assim, em seu relacionamento horizontal um com o outro, o homem e a mulher são desiguais em função: Deus atribuiu a liderança a Adão e o auxílio à Eva. Embora o domínio deles fosse uma parceria, a responsabilidade por esse domínio cabia somente ao homem. A submissão da mulher à liderança do homem, como a subordinação de um vice-presidente a um presidente em uma organização, não viola seu valor nem minimiza sua importância como pessoa.

Não é de surpreender que Satanás odeie a liderança e a enfraqueça sempre que pode (Isaías 14:13-14). Ele subverteu a liderança no Jardim ao isolar Eva de Adão (Gênesis 3:1-7), e as consequências disso trouxeram o pecado ao mundo (Romanos 5:12). Hoje, Deus chama Seu povo para restaurar e manter a ordem original da criação, praticando a liderança, não apenas no lar, mas também na igreja. Ao se submeterem de forma inteligente e voluntária à liderança, as mulheres podem honrar a Cristo de uma forma que só elas podem fazer. Nas reuniões da igreja local, comunicamos essa liderança por meio da liderança e do ensino masculinos e da cobertura da cabeça e do silêncio femininos (1 Timóteo 2:12-15; 1 Coríntios 11:2-16; 14:33-35). Quando os homens agem como homens e as mulheres como mulheres, eles retratam o relacionamento de Cristo com Seu corpo e encantam não apenas os anjos (1 Coríntios 11:10), mas o próprio Deus.

Antes de Paulo passar a discutir as qualificações para presbíteros em sua primeira carta a Timóteo, ele afirma que a mulher deve aprender “em silêncio, com toda a sujeição”. Ele continua: “Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (1 Timóteo 2:11-12). Ele apresenta o mesmo argumento em 1 Coríntios 14, onde escreve: “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei” (v. 34). Paulo baseia seu ensino inspirado não em questões culturais presentes em Éfeso ou Corinto, mas na prioridade do homem na criação (1 Timóteo 2:13) e na “prioridade” da mulher na queda, onde a ordem de autoridade foi invertida de Deus-homem-mulher-serpente para serpente-mulher-homem-Deus (v. 14).

Depois de afirmar a liderança masculina nas reuniões da igreja local em 1 Timóteo 2, Paulo aplica esse princípio no capítulo seguinte aos homens que aspiram servir como presbíteros (3:1-7). Ele dá a Tito uma lista semelhante para ajudá-lo a reconhecer os presbíteros nas igrejas de Creta (1:5-9). Em ambas as listas, Paulo restringe as qualificações aos homens. Ele usa consistentemente apenas pronomes e adjetivos masculinos e inclui “marido de uma só mulher”, uma frase que só pode ser aplicada a homens (1 Timóteo 3:2; Tito 1:6). O modelo bíblico é a liderança servil, não a tirania opressiva. Pedro escreveu que os líderes não devem dominar os que

*Homens e mulheres
são igualmente
iguais em valor.*

estão sob sua responsabilidade, mas servir de exemplo para o rebanho (1 Pedro 5:3). Os pastores devem, no entanto, ensinar e exercer autoridade sobre o rebanho – funções de liderança designadas por Deus para os homens. Homens piedosos lideram e mulheres piedosas servem em funções de apoio de importância crucial.

O ensino de papéis de gênero para homens e mulheres entra em conflito com o igualitarismo que hoje prevalece no mundo ocidental e em alguns círculos cristãos. Temendo represálias do Estado e cedendo à pressão feminista, até mesmo grupos cristãos conservadores estão agora abertos a “reinterpretar” as declarações claras das Escrituras sobre os papéis de gênero. Nesta era de mídia de massa, essas opiniões da moda e esquisitices hermenêuticas inundaram o mundo evangélico e estão se infiltrando nas igrejas.

Os igualitários anunciam Gálatas 3:28 como seu manifesto e a última palavra sobre o assunto. Quando Paulo escreveu: “Não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”, eles dizem que ele atingiu seu pensamento mais nobre; nas “passagens problemáticas” em que ele ensinava a liderança masculina, ele estava recaído em seu farisaísmo pré-conversão. A partir disso, eles concluem que mulheres e homens são intercambiáveis em todos os lugares e que não deve haver restrições baseadas em gênero em nenhum “cargo” (termo deles) ou ministério da igreja.

*Muitas bênçãos
são fruto da oração
das mulheres.*

Mas um texto arrancado de seu contexto é um mero pretexto. Em Gálatas, Paulo proclama a justificação somente pela fé e não pelas obras (2:16). Ele aborda apenas o relacionamento vertical das pessoas com Deus, não o relacionamento horizontal de homens e mulheres entre si; sua posição celestial “em Cristo”, não sua condição terrena em uma família ou em uma igreja. Deus aceita todos os que depositam fé em Cristo na mesma base, não importa quem ou o que sejam. Todos os cristãos são “um só em Cristo Jesus” (confira Efésios 2:15), unidos não apenas a Cristo, mas uns aos outros. Longe de neutralizar todas as distinções étnicas, sociais ou de gênero entre os cristãos, esse versículo afirma que essas distinções – as quais ele pressupõe – não implicam em desigualdade espiritual perante Deus.

As igrejas locais precisam das mulheres. Os homens jamais poderiam fornecer o lastro espiritual que as mulheres fornecem. O serviço que elas prestam é tão valioso quanto o dos homens, e os homens não poderiam fazer o que fazem sem o apoio feminino. Muitas bênçãos são fruto da oração das mulheres. As mulheres casadas servem a Deus criando filhos e apoiando seus maridos (1 Timóteo 2:15). Todas as mulheres fortalecem os fiéis por meio de sua misericórdia e hospitalidade, e por seu serviço a outras mulheres (Tito 2:3-5) e crianças. O alcance do evangelho seria impossível sem as mulheres – um terço dos trabalhadores que Paulo elogia em Romanos 16 são mulheres. As boas obras das mulheres constroem integridade na igreja e a endossam para os de fora (1 Timóteo 2:10; 5:10). Quando os homens exibem a glória da liderança e as mulheres a glória da ajuda, podemos ter, novamente, o Éden antes da queda.

LIDERANÇA QUALIFICADA

A. J. Higgins

“**P**or favor, envie seu currículo e, assim que o analisarmos, poderemos chamá-lo para uma entrevista”. Em seguida, você examina a descrição do trabalho: longas horas de trabalho, perda de sono, ser mal interpretado, certeza de críticas, decisões dolorosas a serem tomadas. Será que eu realmente quero esse trabalho?

A situação acima certamente não é a maneira pela qual o Espírito de Deus levanta homens para realizar o trabalho de liderança em uma igreja. No entanto, Ele nos deu pelo menos duas, se não três, descrições que se concentram no caráter dos homens que Ele escolhe para serem líderes na igreja. Essas listas são encontradas em Atos 20:25-35, 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9. Além disso, Escrituras como Isaías 40:11, João 21:15-17, 1 Tessalonicenses 5:14-15, 1 Pedro 5:1-4, Hebreus 13:17 e outras se concentram mais no trabalho do presbítero.

O propósito das Escrituras que tratam das qualificações dos líderes deve ser entendido em seu contexto. Essa não é uma lista de verificação para eu comparar com os líderes da minha igreja. Trata-se de uma lista pela qual eu me julgo se estou na liderança ou se aspiro a esse trabalho (1 Timóteo 3:1). Muitos têm usado as listas de qualificações como desculpa para rejeitar o direito moral de um líder de guiar a igreja, insistindo que podem desconsiderar qualquer coisa dita por um homem em particular porque “ele não é realmente um presbítero de acordo com 1 Timóteo 3:1-4”.

Lembrem-se do que o Senhor Jesus disse a Seus discípulos. Eles foram desafiados pelos escribas e fariseus e sua hipocrisia. No entanto, Ele os instruiu: “Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem” (Mateus 23:2-3). Ele ordenou que reconhecessem a posição de liderança, mesmo que os homens não vivessem como deveriam. Esses homens seriam responsabilizados por suas próprias falhas; minha responsabilidade é observar o que eles dizem quando está de acordo com a Palavra de Deus.

Outra consideração é que, em igrejas pequenas, Deus trabalha com o que está disponível. Um homem pode não estar apto a ensinar, mas as circunstâncias exigem que ele se disponha a liderar a igreja local. Isso reflete uma fraqueza entre nós que não podemos negar. Mas lembre-se de que a grande maioria das qualificações é moral e espiritual, e não está relacionada ao dom. Felizmente, Deus é muito mais gracioso do que nós.

Depois de descartar um ou dois conceitos errôneos sobre o propósito dessas listas, pode-se perguntar: “Qual é o propósito delas?” Como sugerido, é uma lista de qualificações pela qual julgo a mim mesmo e quaisquer aspirações que eu possa ter para o trabalho de liderança em uma igreja. Como abordamos as qualificações?

Acho que elas podem ser divididas em alguns grupos. Usarei 1 Timóteo 3 como a espinha dorsal de nossa consideração, mas entrelaçarei um pouco do que temos em Tito 1 também.

Características que são essenciais

“Irrepreensível” encabeça a lista de 11 qualidades morais, seis positivas e cinco negativas. A palavra “irrepreensível” ocorre um total de três vezes na carta (3:2; 5:7; 6:14 – “sem mácula”) e carrega o pensamento de ser íntegro ou inatacável. Nenhuma acusação pode ser comprovada contra ele. Ele é marcado pelo autocontrole e por um senso de seriedade da vida. Ele não é influenciado por álcool ou avareza, poder ou posição. “Hospitaleiro”, no contexto do cristianismo do primeiro século, significaria muito mais do que convidar os cristãos para uma refeição em sua casa, mas certamente abrange um lar, um coração e uma mão abertos.

“Apto para ensinar” é o único item que sugere “dom”. Efésios 4:11 de fato diz que o próprio “pastor-mestre” é um dom para o Corpo. Mas a ligação de “apto para ensinar” com hospitalidade em 1 Timóteo 3 tende a sugerir que esse não é tanto um dom de ensino público, mas de ser capaz de dar instrução pessoal aos santos de Deus. O requisito de Tito de que ele seja capaz de exortar os cristãos e amordaçar os que se opõem a eles apoia ainda mais o pensamento de uma abordagem mais pessoal ao ensino. Ele também acrescenta à lista a consciência do papel do líder como mordomo do povo de Deus (Tito 1:7), amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante.

Tito lista cinco características negativas e sete positivas. Há um equilíbrio entre

a tendência natural de assertividade e agressividade. Ele não é controlado por agressividade, álcool, raiva, abuso ou avareza.

Treinamento no lar

As questões relativas ao casamento e à família são as que geram mais controvérsia entre alguns cristãos e ensinadores. Um homem precisa ser casado? Se sua esposa for levada para o céu, ele pode se casar novamente? O que significa ser um “homem de uma só mulher”? Ele deve ter filhos? Esses filhos devem ser salvos? E o que acontece se um de seus filhos, que já foi membro da igreja local, se desviar para o mundo? Ele deve se afastar da liderança? O que significa “governar bem a sua própria casa”? Espera-se que seus filhos sejam perfeitos? Provavelmente, você pode acrescentar permutações e combinações a essas perguntas se já tiver se movimentado entre igrejas locais por algum tempo.

Embora seja importante para um homem ser casado e ter uma família, o texto não faz disso um pré-requisito essencial. O benefício do casamento é que, ao ministrar à sua esposa no casamento, ele pode aprender as sensibilidades e a composição da mulher. Isso o capacitará a atender às necessidades das irmãs de forma mais competente. Além disso, o fato de aprender a combinar firmeza e amor

***“Se você quer
líderes melhores,
então ore pelos que
Deus lhe deu.”***

na criação dos filhos o ajudará a lidar bem com os cristãos da igreja. O que é vital é que ele seja um homem capaz de ser fiel em suas afeições – seja solteiro, casado ou casado novamente – e equilibrado em sua abordagem à liderança. “Governar bem a sua própria casa” servirá como um campo de treinamento para “cuidar” da igreja de Deus. Ele não pode salvar seus filhos, mas deve ser capaz de demonstrar autoridade no lar, ter filhos “fiéis” que respeitem sua autoridade, se ele quiser lidar sabiamente com a autoridade na igreja local.

A verdade de Deus

Ele é um homem marcado pela fidelidade: “Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina” (Tito 1:9). Em seu discurso aos anciãos de Éfeso, Paulo os recomendou a Deus e à Palavra da Sua graça. Aqui está o material com o qual o líder deve se ocupar e com o qual ele deve liderar e alimentar o povo de Deus. O escritor aos Hebreus concorda com esse princípio quando lembra os cristãos de seus líderes anteriores “que vos falaram a palavra de Deus” (Hebreus 13:7).

Aqueles que lideram o povo de Deus devem ser homens do Livro, homens capazes de alimentar o povo de Deus, seja em particular ou publicamente. Cada admoestação aos pastores começa com um chamado para “apascentar o rebanho” (João 21:15; Atos 20:28; 1 Pedro 5:2; Isaías 40:11 e, em contraste, Ezequiel 34:2).

O teste da experiência

O termo “não neófito” é mencionado porque ele pode se ensoberbecer e cair, assim como Satanás caiu. Pode-se argumentar que o orgulho é o pecado original, final e culminante. Se eu entendo bem as Escrituras, ninguém está imune a

ele em qualquer fase da vida. Entretanto, Paulo adverte aqui sobre a possibilidade de alguém que não tenha experiência e maturidade espiritual cair no pecado do orgulho de posição e, assim, cair como Satanás caiu. De novo, é preciso enfatizar que Paulo não impõe uma restrição de idade à liderança. Sua preocupação é com a maturidade espiritual que pode vir em uma idade relativamente jovem para alguns cristãos e tardar a se desenvolver em outros.

O testemunho de fora

Ele precisa ter um bom testemunho entre os cristãos. Isso é óbvio, caso contrário, ele não terá a confiança deles para liderá-los. Aqui, porém, a exigência é que ele tenha um “bom testemunho” daqueles que não fazem parte da igreja. Espera-se que um homem reflita a integridade e a honestidade de caráter que são características da igreja. Ele representa a igreja publicamente e deve viver de acordo com seu testemunho. Sua vida profissional e sua vida comunitária devem ser sem tensão ou comprometimento. O perigo é que, caso contrário, ele estará se expondo à armadilha que o falso acusador, o diabo, pode lançar contra ele.

A maior parte do que se espera daqueles que estão na liderança também deve marcar cada cristão na igreja. Talvez apenas as questões de “apto a ensinar” e “não neófito” o diferenciem do restante da congregação. A maturidade espiritual é a meta de cada um que dá testemunho de Deus. Julgar os líderes é algo que mexe com a alma. Ore por eles e submeta-se a eles para o bem da igreja e de seu testemunho (Hebreus 13:17). Alguém disse muito bem: “Se você quer líderes melhores, então ore pelos que Deus lhe deu”.

LIDERANÇA COMPARTILHADA

Matthew Cain

“**N**a multidão de conselheiros há segurança” (Provérbios 11:14). Talvez você se considere mais maduro espiritualmente do que seus irmãos. Pode achar que sua experiência com Deus é mais profunda. Você pode ter a impressão de que conhece melhor as Escrituras. Você pode até estar correto em todos esses pensamentos... ou, muito possivelmente, estar errado. De qualquer forma, você não tem a liberdade de governar a igreja de Deus como se fosse seu pequeno feudo. As razões são, em primeiro lugar, porque ela pertence a Deus e, em segundo lugar, porque Deus ordenou que a liderança na igreja seja uma função compartilhada.

A mudança de Israel para a Igreja

É notável que indivíduos surjam como líderes proeminentes do povo de Deus no Antigo Testamento. Os exemplos incluem Moisés, Josué, Samuel e Davi. Embora esses líderes tenham se beneficiado do ministério de outros (por exemplo, anciãos e conselheiros), eles se destacam por estarem sozinhos em suas responsabilidades. Os líderes do povo de Deus de hoje ainda obtêm, com razão, percepções valiosas desses homens da Antiga Aliança, mas eles não têm a mesma autoridade individual nesta época. O que causou essa mudança? Foi Jesus Cristo. De fato, ainda há apenas um Homem como líder máximo na Nova Aliança, mas esse Homem não está na Terra. É o Homem glorificado no céu, o Senhor Jesus Cristo.

A história pode ser vista em três programas, e à frente de cada um deles está um homem. Adão foi o cabeça da criação, Abraão foi

o cabeça da nação de Israel e Cristo é o cabeça da Igreja (lembre-se, porém, de que Cristo é o último Adão e a descendência de Abraão e, por fim, tudo será congregado a Cristo – Efésios 1:10). Observe como a Igreja é diferente de Israel. Israel é uma entidade étnica e tinha sua sede em um local geográfico terrestre. A Igreja é multiétnica e global. Sua verdadeira sede está no céu, onde está o Senhor ressurreto, mas cada igreja local funciona de forma autônoma com autoridade direta do céu (confira Mateus 18:18-20). Cristo é o principal Pastor, no singular, do rebanho de Deus; os homens compartilham o trabalho de serem subpastores, no plural. “É um fato altamente significativo e frequentemente ignorado que nosso Senhor não nomeou um homem para liderar Sua Igreja. Ele nomeou e treinou pessoalmente doze homens. Jesus Cristo deu à igreja uma pluralidade de liderança”. Esse apostolado plural prefigurava como o Senhor queria que as igrejas fossem lideradas.

O precedente e a clareza das Escrituras

As Escrituras do Novo Testamento são claras como cristal que a liderança em uma igreja local deve ser um ministério compartilhado entre homens de igual autoridade. A primeira vez que lemos sobre a liderança da igreja além dos apóstolos em Atos, são os anciãos (plural) a quem são enviados fundos para os cristãos em Atos 11:30. Depois, quando Paulo e Barnabé retornaram a Listra, Icônio e Antioquia, onde haviam plantado igrejas anteriormente, eles “elegeram anciãos em cada igreja”

(Atos 14:23). Para a igreja singular dos tessalonicenses, Paulo pede que seja dado reconhecimento e respeito à pluralidade de irmãos que os lideram (1 Tessalonicenses 5:12-13). Pedro exorta os anciãos (plural) que estavam entre seus leitores (1 Pedro 5:1). Obviamente, uma igreja jovem pode não ter anciãos imediatamente, e um indivíduo (por exemplo, um missionário que planta uma igreja) pode ocupar esse papel sozinho às vezes. Mas a intenção de Deus, de acordo com as Escrituras, é que vários irmãos acabem assumindo esse trabalho como uma responsabilidade compartilhada.

Em uma determinada igreja cristã, um presbítero pode ter mais sabedoria piedosa do que seus irmãos. Ele pode ter mais experiência e maior entendimento bíblico. Isso não só deve ser respeitado, mas os outros seriam tolos se o ignorassem. No entanto, nenhum irmão tem a liberdade de habitualmente exercer seu peso no processo de tomada de decisões. O modelo de Deus para uma igreja do Novo Testamento não inclui a posição de um Pastor Sênior que automaticamente tem mais autoridade por causa de seu título. Mas observe: alguns irmãos que rejeitam esse título são, no entanto, culpados do mesmo erro flagrante. Não por causa do título, mas talvez pela força da personalidade, eles acham que sempre podem levar a melhor nas decisões importantes e que a maneira deles é sempre melhor. “Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica.” (Tiago 3:15)

A sabedoria prática da pluralidade

A sabedoria que vem do alto é mansa, tem ouvidos para ouvir a perspectiva dos outros e reconhece que, mesmo que você esteja sempre certo (o que não é o caso), passar por cima de seus irmãos será prejudicial para a igreja a longo prazo (confira Gálatas 5:15). A liderança que é verdadeiramente compartilhada, na prática e não apenas

no nome, é uma bênção para a igreja de várias maneiras e um exemplo adicional da sabedoria amorosa de Deus para conosco. Com a pluralidade de liderança, a igreja recebe uma variedade maior de ensinamentos, o que é necessário em vista das diversas necessidades do corpo. De qualquer forma, o trabalho de liderar o rebanho é simplesmente grande demais para uma só pessoa. Compartilhar esse fardo serve melhor ao rebanho – as personalidades e experiências de diferentes líderes combinam melhor com as de diferentes cristãos – e ajuda a mitigar o esgotamento entre os líderes (confira Gálatas 6:2).

Outra bênção preservadora da pluralidade, tanto para a igreja quanto para a própria liderança, é que os anciãos são responsáveis uns pelos outros. Eles pastoreiam, desafiam e equilibram uns aos outros, evitando que a igreja adote uma posição desnecessariamente extrema. E quando há liberdade para uma discussão franca dentro do grupo, sem rancores e atitudes de julgamento, a igreja certamente colherá os benefícios de uma capacidade de tomada de decisão mais informada (Provérbios 11:14). Quando surge um problema com um cristão difícil, confrontá-lo como um grupo pode ajudar a difundir uma situação do tipo “eu contra ele”; pode haver mais liberdade para argumentar com o cristão de vários ângulos. Quando se permite que um homem – mesmo que seja um bom homem – dirija a igreja à sua maneira, há um risco maior de a igreja se tornar um culto de personalidade atraído por esse líder em vez de por Cristo (confira 1 Coríntios 3:4, 21-23).

Para os irmãos que são bons líderes – talvez melhores líderes do que os que estão com você – continuem sendo bons líderes, garantindo que compartilhem o serviço com outros.

LIDERANÇA PASTORAL

Stephen Grant

“Viajar pelo Sudeste Asiático traz seus próprios desafios peculiares para um evangelista. Além dos contrastes culturais, há as declarações alfandegárias, inúmeras conversas em inglês e idiomas locais sobre emprego e as inevitáveis tentativas fracassadas de se livrar do título de “pastor”. A suposição parece ser a de que qualquer pessoa que trabalhe para o Deus cristão ou para a Igreja é um pastor ou padre.

A palavra “Pastor” em nossa cultura ocidental tem diferentes associações. Há as caricaturas ridículas de personalidades de cultos voando em jatos particulares, com igrejas instaladas em locais de shows e casas como mansões – não do tipo “celestial”. Depois, há os escândalos. Quem já não se assustou quando “pastores” com uma organização significativa e presença na mídia chegaram às manchetes pelos motivos errados, deixando um rastro de destruição?

Encontramos pastores em todo o mundo, mas será que os encontramos na Bíblia? Sem querer ser muito técnico, a palavra tem sua origem no latim e no francês e foi uma transliteração da palavra grega *poimen* do Novo Testamento, encontrada em Efésios 4:11-12: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”. Quem, então, são esses pastores e qual é a sua função?

É útil dar uma olhada em duas ocasiões no

Novo Testamento em que a forma verbal da palavra ocorre. Observe primeiro o uso da palavra por Paulo em Atos 20:28: “Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue”. Observe também o uso de Pedro: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória” (1 Pedro 5:1-4).

Descobrimos que o pastoreio descreve o trabalho realizado pelos “presbíteros” e “anciãos” entre os cristãos em Éfeso e leitores da epístola de Pedro, e que será recompensado pelo “Sumo Pastor” em Seu retorno.

Outros artigos desta série tratam da identidade, do caráter, do chamado e da responsabilidade dessas funções em uma igreja local. No entanto, vale a pena afirmar novamente que Deus projetou a igreja local para ser guiada, liderada e alimentada por uma pluralidade de homens qualificados (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:5-9), chamados anciãos ou presbíteros. Essas palavras enfatizam diferentes aspectos das qualificações e da função desses

homens. “Pastorear o povo do Senhor” é uma descrição adequada do serviço de um ancião/presbítero para Deus.

Há muitos exemplos no Antigo Testamento de pastores espirituais bons e ruins. O pastor supremo é Deus (Salmo 23) e Ele é o padrão pelo qual Seus subpastores são medidos. Ele é o exemplo para todo ancião que tem a tarefa de pastorear o povo de Deus. Há também os exemplos imperfeitos, porém bons, de Moisés e Davi. Em contraste, Jeremias e especialmente Ezequiel (34:1-10) tiveram palavras fortes para os anciãos de Israel e seu fracasso como pastores espirituais. A lista é longa e inclui levar o povo ao pecado, ignorar os doentes e feridos, deixar as ovelhas dispersas à própria sorte e comportar-se com severidade.

É interessante que a resposta de Deus às falhas de Seus subpastores seja a própria intervenção direta (34:11-17). Em contraste com os pastores fracassados de Israel, o Senhor procura as ovelhas quando elas estão dispersas, as livra do perigo e as recupera para alimentá-las; Ele garante que elas estejam seguras, alimentadas e descansadas.

O Novo Testamento retoma o mesmo tema do cuidado pastoral que o Senhor oferece ao Seu povo por meio dos presbíteros que supervisionam a igreja local. Pedro, que era ancião, dá instruções para que os anciãos conduzam o povo de Deus como os pastores devem conduzir suas ovelhas (1 Pedro 5:1-4). Vale a pena notar que Pedro passa da inevitabilidade da perseguição aos cristãos no capítulo 4 para sua instrução aos presbíteros no capítulo 5. Pedro estava preparando seus leitores para suportar o sofrimento pela justiça, com uma forte liderança pastoral de seus anciãos sendo uma necessidade para todos os cristãos, especialmente aqueles que sofrem perseguição.

A base da exortação de Pedro é a seguinte: “Aos presbíteros, que estão entre vós,

admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar” (5:1). Pedro apela aos anciãos como um deles. Ele já estabeleceu sua autoridade apostólica (1:1), mas agora ficamos sabendo que ele também atuou como ancião de uma igreja local. Ele está afirmando que entende os desafios da liderança espiritual; ele pode se relacionar com eles.

Ele também conhece o sofrimento como testemunha dos sofrimentos de Cristo. Pedro deve ter lamentado profundamente o fato de que os sofrimentos do Senhor sempre o lembrariam de sua própria negação do Senhor. Como beneficiário do cuidado pastoral do Senhor após ter caído, Pedro assumiu seu lugar como testemunha pública dos sofrimentos de Cristo. Ele entende os desafios deles, conhece a bênção do cuidado pastoral após o fracasso e os lembra de que compartilha a mesma esperança segura de glória em face da perseguição.

Em seguida, encontramos a exortação de Pedro para ser um pastor: “Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós” (v. 2). Com empatia e autoridade, Pedro ordena que os presbíteros cuidem dos cristãos que são de sua responsabilidade imediata. Seu cuidado pastoral é com as ovelhas sob sua tutela e somente com essas ovelhas. Será que Pedro poderia estar se lembrando da ordem do Senhor a ele no terreno da ressurreição (“Apascenta as minhas ovelhas” – João 21:16)? O que ele havia recebido diretamente do Senhor, ele agora ordena a seus companheiros pastores.

Como isso se traduz nas rotinas comuns semanais de uma igreja local? Na dependência de Deus, os presbíteros devem cuidar dos cristãos, como um pastor alimenta seu rebanho, ensinando, pregando, exortando, repreendendo e encorajando com a Bíblia. Eles devem estar entre os irmãos para que conheçam o rebanho e possam avaliar e responder

às suas necessidades, bem como aos seus pontos fortes e fracos.

O cuidado pastoral consiste em levar a Palavra de Deus ao povo de Deus. Por meio do exemplo pessoal e da ajuda de outros, o alimento espiritual da Palavra de Deus fortalece, guia para as decisões da vida, limpa e protege da contaminação do mundo. Também educa e possibilita o crescimento no conhecimento de Deus e de nosso Salvador, trazendo esperança para os tempos sombrios da experiência de vida e um alicerce seguro sobre o qual edificar nossa vida para Deus.

Paulo enfatiza essa responsabilidade quando instrui Timóteo de que os presbíteros devem ser “aptos a ensinar” (1 Timóteo 3:2). Vale a pena observar que, entre todas as qualificações de um ancião que Paulo menciona em 1 Timóteo 3 e Tito 1, o ensino da Palavra de Deus se destaca nas listas: “Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes” (Tito 1:9).

Como os presbíteros supervisionam a igreja local, eles devem tomar cuidado para não cair em três pecados comuns de liderança. Primeiro, Pedro escreve que eles devem fazer isso “não por força, mas voluntariamente” (1 Pedro 5:2). Da mesma forma, quando Paulo escreve a Timóteo, estabelecendo as qualificações de um ancião, o primeiro ponto que ele destaca é que o ancião deve desejar fazer o trabalho (1 Timóteo 3:1). O ancião deve querer servir ao Senhor dessa forma e não ser forçado a isso. Quando surgem circunstâncias difíceis, o desejo de servir pode permitir que o presbítero persevere, quando uma pessoa coagida desistirá.

Em segundo lugar, o trabalho do ancião não deve ser manchado pela ganância pessoal: “nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto” (1 Pedro 5:2). Historicamente, a

liderança espiritual tem sido prejudicada pela ganância. Foi a prata que Judas recebeu por trair o Senhor. As religiões têm se destacado como centros de riqueza em meio à pobreza, com líderes enriquecidos por se alimentarem do rebanho em vez de alimentar o rebanho. Um ancião requer uma atitude de serviço altruísta, mais preocupado com o que ele pode fazer pelos outros do que com o que eles podem fazer por ele. Os pastores não devem enganar as ovelhas.

Terceiro, os presbíteros não devem assumir o lugar de senhores: “Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (v. 3). É sempre um mau sinal quando uma igreja se identifica com o nome de um líder, como se pertencesse a ele ou fosse subserviente a ele. É isso que um ancião deve evitar. Uma pessoa que se comporta como um tirano não está servindo como ancião. Os anciãos lideram pelo exemplo, ensinando, cuidando, incentivando, repreendendo, mas nunca como ditadores. Sua autoridade é derivada do Senhor, e seu objetivo principal é apontar para Ele, para que as pessoas sob sua responsabilidade amem e sirvam ao Senhor, não a eles. Em vez de conduzir o rebanho por trás com uma vara, os pastores conduzem as ovelhas por um caminho que eles mesmos já percorreram.

Pedro continuará em sua epístola falando da recompensa que aguarda o serviço fiel dos presbíteros (v. 4) e da responsabilidade das ovelhas de responder ao cuidado pastoral (vs. 5-11).

Em dias em que a responsabilidade e o serviço estão diminuindo por todos os tipos de razões egoístas, e a necessidade de cuidado pastoral nunca foi tão grande, que os presbíteros atendam ao chamado do Senhor para pastorear o rebanho de Deus.

LIDERANÇA CRISTÃ

Gary Tarrant

“Quando o verdadeiro líder fala, as pessoas ouvem” é uma citação encontrada em manuais de liderança. Quando se trata de nosso Senhor Jesus Cristo, Ele personificou esse papel de líder. Sua autoridade era evidente para todos e foi revelada a nós, em particular, em Seu ministério público de três anos.

Quais foram alguns dos principais elementos de Sua função de liderança que podem servir de inspiração para os cristãos aplicarem em suas próprias vidas? Como líder, o Senhor Jesus era único. Ele era “Deus manifesto em carne”, mas surgiu de uma origem humilde. Ele emerge das páginas das Escrituras logo no início dos relatos do Evangelho, atraindo homens e mulheres para Si de uma forma aparentemente sem esforço. Ele não precisou aprender “técnicas” de liderança ou aplicar as últimas tendências psicológicas para atrair seguidores. Ele era o líder perfeito, e o que podemos aprender com Sua vida na esfera da liderança (não restrita apenas aos presbíteros) é o cerne deste artigo. Nem todos os fiéis podem ser líderes, mas há características e habilidades de líderes que podem ser aprendidas por aqueles que estão pensando em assumir uma função de liderança. Para o cristão, que melhor exemplo a ser considerado do que o próprio Senhor Jesus?

A vida do Senhor, embora fosse a de um líder, era a de serviço. Ele declarou: “Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Mateus 20:28). O serviço é a verdadeira base da liderança cristã. A maioria dos líderes fortes de hoje são aqueles que “subiram” na hierarquia.

Um CEO de uma fábrica que “subiu de cargo” desde o chão de fábrica geralmente tem mais respeito, credibilidade e lealdade dos trabalhadores do que um indivíduo que chega de paraquedas de outra empresa para ser o líder. O Senhor teve um início humilde e terreno. Ele era filho de um carpinteiro e trabalhou nessa profissão. Ele compartilhou todas as provações do pequeno grupo que liderava, e Seu serviço foi simbolizado naquele exemplo profundo quando lavou os pés dos discípulos. Um verdadeiro líder precisa estar envolvido com aqueles que lidera. Somente compartilhando as coisas boas e ruins e ouvindo verdadeiramente aqueles que estão sendo liderados é que o grupo será motivado a atingir as metas necessárias em harmonia com o líder.

No mundo real, a liderança precisa ser conquistada. O Senhor não precisou fazer isso, mas, da mesma forma que Ele “se rebaixou” à humanidade, Suas ações descreveram claramente esse importante princípio. Alguém disse: “Antes de uma pessoa acreditar em uma visão, ela precisa acreditar no líder”. “Acreditar” em um líder depende de uma combinação de caráter, confiança, credibilidade, competência, desempenho anterior, paixão e entusiasmo do líder. Para ser um líder eficaz, é necessário possuir, em algum grau, a maioria dessas características, se não todas. O Senhor demonstrou todas essas qualidades e outros traços importantes de liderança, como paciência, bondade e humildade, e nunca foi invejoso ou esforçado. Seu amor era sacrificial. O líder precisa ser digno de liderar.

Além disso, o Senhor atraía as pessoas

porque Ele “se conectava” com elas. Ele estava revelando a verdade das escrituras de uma maneira diferente da dos escritores e profetas do Velho Testamento. Ele fez isso atraindo primeiro o coração e depois a mente. Ele estava atento às necessidades de cada indivíduo que encontrava e adaptava Sua abordagem para atender a essas necessidades. Como você está se relacionando e se envolvendo com as pessoas? Como você está assumindo o papel de servo? Essas são qualidades essenciais de um líder cristão.

Quando o Senhor Jesus entrou na humanidade, Ele tinha um objetivo primordial em mente. Lemos que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1 Timóteo 1:15). Em outras palavras, essa era a grande meta que Ele tinha em mente; Ele tinha o objetivo final em vista. Ele reconheceu que, em poucos anos após o início de Seu ministério, seria crucificado (e ressuscitaria dos mortos) para se tornar a salvação para todos os que cressem.

Da mesma forma, como líder, você deve ter metas para a sua esfera de influência ou metas para qualquer projeto que deseje realizar. O que você está tentando levar os outros cristãos a realizar? É importante ressaltar que os irmãos que você deseja liderar também precisam conhecer sua meta. Seja grande ou pequeno, o objetivo final é o que nos motiva a nos envolvermos em qualquer tarefa para Deus. Se você não se sentir entusiasmado com uma meta ou não tiver paixão por ela, é improvável que atraia alguém para se juntar a você em sua busca. Qual é a sua meta? Há tantas necessidades na igreja. Existe alguma coisa que possa

motivá-lo a se “lançar” e realizar algo de valor para o Senhor? E quanto à sua paixão? “Onde há fogo, as pessoas correm para vê-lo!” A paixão é um elemento-chave que atrai as pessoas para um líder, mas o líder deve começar com a meta. Além disso, um líder eficaz usará a meta como um fator motivador para que os outros cristãos ajudem a atingi-la.

Depois de considerarmos o objetivo primordial do Senhor, podemos ver que todas as Suas ações registradas nos relatos do Evangelho foram em vista de Sua meta. Ele tinha um “mapa”. Os líderes precisam estar cientes de para onde estão conduzindo os outros e, embora não possamos realmente saber o fim desde o início, um líder bem-sucedido deve determinar os meios para chegar a ele. A liderança eficaz envolve “traçar o curso” além de “pilotar o navio”. Podemos ver, ao longo do ministério do Senhor, como Ele conduziu o curso para o pequeno grupo que O seguia. Ele estava ciente do desenvolvimento espiritual dos discípulos, e a revelação de Seu propósito foi feita de maneira deliberada. João 11 é um exemplo de como o Senhor esperou deliberadamente pela morte de Lázaro para melhor adequar o desdobramento da verdade ao Seu plano. Do mesmo modo, um líder bem-sucedido precisa ter um bom senso de oportunidade. Deve haver um senso de como e quando revelar as coisas para aqueles que o seguem. Um líder precisa ser capaz de pensar no futuro para discernir o caminho mais sábio e como lidar com os desafios que inevitavelmente surgirão. Esse roteiro pode não estar claro para aqueles que o ajudam, dependendo da complexidade do que você espera alcançar, mas, para ser um bom líder, você precisa ter clareza do caminho que planeja seguir.

Além de ter um bom senso de oportunidade, um líder eficaz também deve ter uma compreensão do momentum. Um líder bem-sucedido perceberá que esse fator intangível é uma ferramenta importante para o

*A vida do Senhor,
embora fosse a de um
líder, era a de serviço.*

progresso em direção ao seu propósito. Em Lucas 13:32, o Senhor afirma: “Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado”. Havia um senso de fluxo, ou impulso, no ministério do Senhor que o conduzia à Sua meta. Um líder é frequentemente impedido por desafios, mas buscará todos os meios para não perder o ímpeto em direção ao objetivo.

Ademais, para ser bem-sucedido, o líder precisa ter a determinação de realizar as tarefas para atingir suas finalidades. Essa determinação pode ser um fator de motivação para todos os que ele lidera. Lemos como o Senhor “manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém” (Lucas 9:51). O progresso em direção a qualquer meta geralmente envolve a superação de desafios. Há inúmeros exemplos em que a determinação desempenhou um papel fundamental para que os líderes atingissem seus intentos.

A liderança também requer a adoção de um processo em vez de trabalhar em uma sequência de eventos. Os discípulos estavam sempre muito atentos ao que aconteceria em seguida, fazendo perguntas como: “Como alguém pode saciar estes homens com pão aqui no deserto?” ou “Qual será o sinal da tua vinda?” ou “Quando o reino será restaurado?” Esses eventos eram importantes, mas o Senhor tinha um objetivo paralelo e mais importante de ver Seus discípulos se desenvolverem e amadurecerem, preparando-os para o momento em que Ele não estaria mais com eles. Os líderes cristãos precisam reconhecer, ao contrário de suas contrapartes no mundo, que qualquer desenvolvimento em direção a um objetivo também deve levar em conta o desenvolvimento espiritual dos irmãos que estão ajudando a realizá-lo.

À medida que um líder ganha mais responsabilidade em uma determinada esfera, geralmente é necessário um “círculo

...a liderança tem um custo.

interno”. Um líder eficaz reconhece as habilidades dos outros que seriam essenciais para uma liderança forte e reunirá aqueles que têm as habilidades necessárias que podem estar faltando no líder. Além disso, é uma forma de o líder orientar os outros em suas habilidades de liderança. Como sabemos, o Senhor Jesus não tinha “fraquezas”, mas ainda assim considerou importante atrair Pedro, Tiago e João para Seu círculo íntimo. Ele sabia como delegar responsabilidades e, dessa forma, orientou outros em suas habilidades de liderança. Esses discípulos desenvolveram sólidas habilidades de liderança que eram imprescindíveis na crescente igreja cristã.

Finalmente, a liderança tem um custo. Se você tem em vista algum serviço para o Senhor, isso envolverá sacrifício. Você está preparado para dedicar tempo ao objetivo pretendido e aceitar o possível impacto em seu trabalho secular ou em seu tempo de lazer? Ser um líder também pode ser uma experiência solitária e, dependendo da extensão do seu exercício e do número de irmãos necessários para realizar esse serviço, suas responsabilidades e seu compromisso de tempo aumentarão à medida que você avançar em direção à sua meta.

Em conclusão, há uma necessidade crescente de liderança no serviço cristão. Há muitas esferas de serviço disponíveis, mas uma falta real de “campeões” para liderar. E quanto a você? Você tem uma meta? Você vê uma esfera de serviço em sua igreja que ainda não foi preenchida? Ao considerar as qualidades de liderança do Senhor Jesus, que nosso Deus o capacite e o conduza no serviço a Ele.

LIDERANÇA RECONHECIDA

David Hanley

Ao ler os artigos anteriores, foi-lhe mostrada muita verdade a respeito das qualificações, responsabilidades e caráter de um líder na igreja local. Sem dúvida, muitos de vocês reconheceram essas características nos presbíteros da igreja da qual fazem parte e são gratos a Deus por terem esses homens que cuidam de vocês, os instruem e os guiam. Esperamos que você tenha conseguido evitar a armadilha de usar esses artigos para encontrar falhas nos anciãos que você conhece.

Este artigo, entretanto, voltará o foco para aqueles que não são presbíteros e mostrará, com base nas Escrituras, que há uma maneira aceitável de a igreja reconhecer sua liderança. Os três capítulos que tratam desse assunto são 1 Tessalonicenses 5, 1 Timóteo 5 e Hebreus 13. Nós o incentivamos a ler cada uma dessas passagens em espírito de oração, com a intenção de descobrir por que o Espírito Santo inspirou o(s) escritor(es) a descrever tão claramente o reconhecimento da supervisão da igreja. Cada um desses escritos inspirados está em um cenário de uma igreja angustiada e desconcertada. Os tessalonicenses eram perseguidos e estavam ansiosos sobre assuntos relacionados à volta do Senhor. Os efésios (Timóteo era um líder em Éfeso) estavam vendo o rápido declínio das condições descritas nas duas cartas de Paulo ao jovem Timóteo. Em Hebreus, os cristãos estavam correndo o risco de voltar a um sistema antigo. Esses tempos angustiantes, ansiosos e conturbados podem facilmente fazer com que uma igreja de Deus fique agitada e questione sua liderança com relação ao caminho em que estão. Isso

era verdade nos primeiros tempos da Igreja e é verdade hoje. Essas três passagens nos ajudam a aprender a depender e a confiar naqueles que Deus colocou nesse lugar de responsabilidade.

Devemos nos lembrar de que Deus é um Deus de ordem. Ele sabiamente estabeleceu a ordem no governo, no local de trabalho e no lar, e não deve ser surpresa que Ele tenha estabelecido a ordem na igreja local. Deus levanta e habilita homens para servirem como pastores, guias e ensinadores na igreja, para trabalharem entre os irmãos, para advertirem, confortarem e darem apoio conforme a necessidade (1 Tessalonicenses 5:12-14). À medida que esses homens trabalham incansavelmente em prol do Senhor e do Seu povo, há uma resposta aceitável dos fiéis da igreja para com seus líderes.

A primeira coisa que a igreja pode reconhecer é que os líderes são levantados por Deus. Os líderes não são nomeados por si mesmos e não são eleitos ou selecionados por uma figura central da igreja (tenha cuidado com o modo como você lê Atos 14:23 e Tito 1:5). Em Atos 20:28, fica claro que o Espírito Santo faz o presbítero, e as palavras do Senhor Jesus podem ser apontadas dentro desse contexto: “Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou” (Mateus 10:40).

À medida que um irmão na igreja ganha experiência, conquista uma reputação favorável, adquire entendimento das Escrituras e lidera seu lar com o caráter que o qualifica para tal responsabilidade, ele está

na escola de Deus, treinando para assumir esse papel muito sério de liderança na igreja local. O sucesso na preparação leva à qualificação para esse importante trabalho. Essa é a segunda coisa que pode ser reconhecida: o fato de o líder ser preparado por Deus para esse trabalho.

Outro reconhecimento importante é que o líder está servindo “como mordomo da casa de Deus, não soberbo” (Tito 1:7). A realidade é que toda autoridade conferida a um agente humano, seja no governo nacional ou cívico, no lar ou na igreja, é, em última análise, a autoridade suprema de Deus sendo expressa por meio de outra pessoa. O cuidado com a igreja de Deus foi confiado por Deus àqueles que Ele levantou para esse serviço, e esse governo é realizado com muita sobriedade, pois o presbítero está continuamente ciente de que “deve prestar contas” (Hebreus 13:17) a Deus. Mais uma vez, Deus confia a autoridade e pede contas àqueles a quem a autoridade foi confiada. Ao considerar isso, reconheça o grande fardo carregado por cada um que Deus levantou para supervisionar Seu povo.

Depois de apresentar brevemente os princípios gerais relativos ao reconhecimento da liderança da igreja, vamos agora passar para comportamentos específicos que podem ser demonstrados para reconhecer aqueles que Deus colocou em uma posição de liderança.

*Deus confia a
autoridade e pede
contas àqueles a
quem a autoridade
foi confiada.*

Reconhecei-os (1 Tessalonicenses 5:12)

Ao ler essa passagem, fica claro que aqueles que lideram a igreja (“presidem sobre vós”) estão fazendo um trabalho para o Senhor. Eles trabalham entre a congregação nos assuntos de Deus, e os cristãos os reconhecerão, aceitarão, apreciarão e valorizarão. Eles “conhecerão” aqueles que os lideram. Essa mesma palavra é usada com frequência em João 10, descrevendo o relacionamento entre as ovelhas e o verdadeiro Pastor. Observe os versículos 4 e 5 desse grande capítulo: “E as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.”

Estimai-os (1 Tessalonicenses 5:13)

Os cristãos da igreja local não apenas conhecerão (ou reconhecerão) os líderes, mas também os “estimarão”. Eles os “terão em grande estima” e, mais ainda, “em amor”. Os comentaristas estão divididos sobre se o “grande” está ligado à “estima” ou ao “amor” nessa passagem, mas não podemos facilmente entender que a passagem nos induz a ter o presbítero em alta consideração? Não é por causa de conexões pessoais ou alguma outra preferência, mas por causa do trabalho em que eles estão engajados ao pastorear o rebanho de Deus. Deveria ser óbvio que esse versículo elimina qualquer tipo de indignidade ou insulto contra os anciãos, ou rebelião contra eles.

Honrai-os (1 Timóteo 5:17)

Os presbíteros que lideram bem a igreja são considerados merecedores de “duplicada honra”. Honrar é estimar um valor verdadeiro, e a palavra original é frequentemente traduzida como “preço”. Uma palavra semelhante é usada para o Senhor Jesus em 1 Pedro 2:7: “E assim para vós, os que credes, [a Pedra] é preciosa”. Novamente, é óbvio, pelo contexto, que o líder que “governa bem” recebe uma avaliação

muito alta. O que não é tão óbvio é o que significa “duplicada honra”. A linguagem sugere uma alta valorização espiritual, mas a assistência financeira também é encontrada no contexto do capítulo. Isso possivelmente significa que o valor espiritual e material do presbítero deve ser considerado quando necessário. No afluente mundo ocidental, isso parece ser uma necessidade rara, mas em alguns lugares pode ser exigido que o líder dedique tempo e energia ao pastoreio do rebanho que, de outra forma, ele gastaria em um emprego secular.

Confiai neles (1 Timóteo 5:19)

No versículo 17 desse capítulo, faz-se menção ao ancião que “governa bem”. Isso parece implicar que pode haver anciãos que não governam bem. E agora, no versículo 19, a possibilidade de um presbítero pecador é trazida à nossa frente novamente. Embora não seja nossa intenção dar atenção indevida a essa possível falha, a possibilidade existe e deve ser reconhecida. É igualmente possível que uma acusação falsa seja feita contra um líder, e essa passagem trata disso e da preservação da reputação e da estima do ancião. O princípio do Antigo Testamento é levado para o Novo: Que seja pela boca de “duas ou três testemunhas” que uma acusação seja feita contra um ancião na igreja.

Lembraí deles (Hebreus 13:7)

“Lembraí-vos deles” é uma terna exortação a esses cristãos atribulados para que pensem naqueles que seguiram adiante, que governaram bem, que deixaram um exemplo, que perseveraram até o fim, “a fé dos quais imitai”. É muito valioso “lembrar” daqueles que nos influenciaram com a Palavra de Deus, que guiaram a igreja em um dia passado e que foram fiéis até o fim. Não lamentemos as circunstâncias atuais em que nos encontramos sem eles, mas, em vez disso, vivamos como eles viveram, sirvamos ao Senhor como eles serviram e apreciemos

em nossos atuais líderes o mesmo caráter que vimos naqueles que já terminaram sua carreira.

Obedecei e submetei-vos a eles (Hebreus 13:17)

Ao considerarmos a exortação desse versículo, gostaríamos de chamar sua atenção novamente para Tito 1:7. Lá vemos que os guias da igreja local são “mordomos da casa de Deus, não soberbos”. Os guias da igreja não o fazem por interesse próprio, mas como administradores daquilo que pertence a Deus, e é louvável e bíblico que haja um espírito cooperativo por parte daqueles que compõem a igreja. Embora a obediência e a submissão não sejam comportamentos que se encaixem bem em nossa natureza, podemos ser lembrados de que ceder à supervisão da igreja é um reconhecimento da ordem de Deus.

Saudai-os (Hebreus 13:24)

O autor da epístola aos Hebreus envia uma saudação final aos presbíteros mencionados nesse capítulo. O autor deste artigo aproveita essa oportunidade de encerramento para incentivar todos a saudar, incentivar, apreciar, reconhecer, estimar, honrar, confiar e obedecer com amor os líderes que você conhece. Eles alimentam o rebanho de Deus, zelam por suas almas, trabalham entre vocês e guiam o povo de Deus, mantendo a ordem até que o Senhor volte.

*...é louvável e bíblico
que haja um espírito
cooperativo por
parte daqueles que
compõem a igreja.*

LIDERANÇA RESPONSÁVEL

Donald Armstrong

Com base em outros artigos desta edição, fica claro o grande fardo que recai sobre aqueles que têm responsabilidade como líderes em uma igreja de Deus. Devemos orar continuamente por eles para que sejam capazes de cumprir o papel de pastorear o rebanho para o bem da igreja.

O ancião, às vezes chamado de presbítero ou pastor nas Escrituras, não será alguém que tenha buscado uma posição de destaque ou domínio na igreja. Ele não verá o papel como se estivesse no topo de uma escada hierárquica de status ou realização, considerando os demais membros da igreja como cristãos inferiores. As Escrituras proíbem especificamente isso: “Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus” (1 Pedro 5:3). Vale a pena observar que, para que uma pessoa assuma a função, conforme descrito acima, ela não será capaz de cumpri-la completamente, mas, mesmo assim, será responsabilizada por isso. O mesmo padrão de avaliação será aplicado a todos, independentemente do grau de aptidão para o serviço.

Em vez disso, o líder espiritual será um irmão que aborda a tarefa com toda a seriedade, sabendo que será responsabilizado pela forma como exerce esse papel. Em Hebreus, os cristãos são exortados a não apenas se lembrarem dos líderes que já estão na glória, os quais anteriormente os ensinaram e viveram como exemplos de fé ao ponto de que eles deveriam imitá-los (Hebreus 13:7), mas também de obedecerem aos que atualmente os governam. Uma das razões para isso é que “eles velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas” (13:17). Algumas perguntas surgem, então, em relação à responsabilidade do presbítero. A

quem ele deve prestar contas? Para quem ele deve prestar contas? Pelo que ele deve prestar contas?

A quem ele deve prestar contas?

O ancião bíblico reconhecerá que a igreja não é dele, mas de Deus, e que todas as Pessoas da Trindade estão envolvidas e interessadas nela; portanto, ele exerce a supervisão consciente de que deve prestar contas dessa função.

Primeiro, a igreja é “o rebanho de Deus” (1 Pedro 5:2). Às vezes, quando, de forma coloquial, nos referimos à “nossa” ou “sua” igreja, devemos deixar claro que não é em um sentido possessivo, e sim mais por meio de identificação pessoal com uma determinada igreja local. A igreja é de Deus e ela é uma herança e um encargo atribuídos aos presbíteros para supervisionar e pastorear.

Em segundo lugar, o ancião entenderá que seu papel lhe foi dado pelo Espírito Santo. Quando Paulo se reuniu com os presbíteros da igreja em Éfeso, ele os lembrou de que deveriam ter cuidado ou estar atentos a si mesmos e ao rebanho, “sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos” (Atos 20:28). A mesma administração do Espírito Santo que faz de um homem um presbítero o capacita para esse serviço.

Terceiro, Pedro escreve sobre o Sumo Pastor, que, quando aparecer, avaliará e recompensará com uma coroa de glória os anciãos do rebanho (1 Pedro 5:4). Portanto, os anciãos são designados pelo Espírito Santo de Deus para cuidar do rebanho de Deus e são responsáveis como subpastores perante o próprio Senhor. Essa revisão ocorrerá no tribunal de Cristo após o Arrebatamento da Igreja.

Por quem ele presta contas?

Em Atos 20:28, pode-se ver que os líderes são responsáveis por um “rebanho”, um grupo de cristãos em uma determinada localidade. Paulo, a caminho de Jerusalém, em vez de passar por Éfeso, mandou chamar os anciãos daquela igreja para se reunirem com ele em Mileto. Eles eram responsáveis como presbíteros de uma igreja em um lugar específico, Éfeso, e mais em nenhum outro lugar.

Pelo que ele é responsável?

A imagem mais proeminente de um líder em uma igreja é a de um pastor e um rebanho pelo qual ele, juntamente com outros, é responsável. As ovelhas, por natureza, são animais rebeldes e vulneráveis, quase impossíveis de serem treinadas e, muitas vezes, presas fáceis de lobos devoradores. O bem-estar delas é uma tarefa muito onerosa que só pode ser cumprida adequadamente por uma pessoa que cuide delas (1 Timóteo 3:5) e que tenha a experiência e a capacidade para isso. Há várias funções pelas quais o pastor será responsável e prestará contas ao Sumo Pastor. Elas serão tratadas mais detalhadamente em outra parte desta edição, portanto, uma breve menção no contexto da prestação de contas será suficiente por enquanto.

Conduzir as ovelhas

O Senhor deu um exemplo desse tipo de liderança quando, falando do verdadeiro Pastor, disse: “E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem” (João 10:4). Novamente, no Salmo 23:2-3, vemos que o pastor “guia-me mansamente a águas tranquilas” e “guia-me pelas veredas da justiça”. Assim, o Sumo Pastor deixa o exemplo perfeito de guiar e dirigir as ovelhas.

Alimentar as ovelhas

O pastor é responsável pelas necessidades alimentares das ovelhas e dos cordeiros e, portanto, deve ser capaz de levar as ovelhas para pastos convenientes às suas necessidades, que mudam constantemente. Os anciãos não

podem delegar essa responsabilidade aos diáconos visitantes; eles devem se lembrar de que ainda são responsáveis pela alimentação adequada e apropriada das ovelhas. Um ancião deve ser “apto para ensinar”, e a alma com um verdadeiro coração de pastor conhecerá melhor as necessidades do rebanho. Assim, Paulo encarregou os anciãos de Éfeso de “apascentar a igreja de Deus” (Atos 20:28).

Guardar as ovelhas

Paulo também advertiu os presbíteros: “Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho” (Atos 20:28). “Olhai” significa estar atento, tomar cuidado ou prestar muita atenção. Há lobos cruéis que não poupam o rebanho, e o pastor precisa ser sempre diligente para proteger as ovelhas, tanto de fora quanto de dentro.

Vigiar as ovelhas

Se a guarda das ovelhas tem um foco primordialmente externo (por causa dos inimigos que querem destruí-las), a vigilância das ovelhas tem um foco mais interno, na conduta das ovelhas. Em Hebreus, os santos são encarregados de obedecer e ser submissos àqueles que os lideram ou os precedem (13:17). Assim, a conduta das ovelhas pode determinar se os pastores, ao prestarem contas, o farão com alegria ou tristeza.

Resgatar e Recuperar das ovelhas

Às vezes, as ovelhas se perdem e precisam ser resgatadas. Em Mateus 18:12, o Senhor falou sobre o pastor que vai “pelos montes [...], em busca da que se desgarrou”. Ele acrescentou no versículo 13 (“se porventura achá-la”) que haverá motivo para se alegrar por uma ovelha perdida e agora resgatada.

Portanto, os anciãos em uma igreja têm uma tarefa onerosa e, muitas vezes, solitária, que exige grande exercício de coração, sabedoria, paciência e oração. Eles, como todos nós, terão de “dar conta de si mesmos a Deus” (Romanos 14:12) e “comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Coríntios 5:10).

LIDERANÇA TRANSICIONAL

John Dennison

Os “limites de mandato” se aplicam aos políticos, mas não aos líderes da igreja. Paulo disse aos anciãos de Éfeso: “O Espírito Santo vos constituiu bispos” (Atos 20:28), mas isso significa que eles continuam como anciãos até morrerem, ou o Espírito Santo pode aposentá-los ou demiti-los?

O caso do desenvolvimento intencional

É claro que nenhum ancião quer morrer e deixar o povo de Deus “como ovelhas sem pastor” (Mateus 9:36). E, no entanto, uma transição de liderança pode ser desafiadora, pois os anciãos têm de abandonar o trabalho e a identidade de sua vida.

As transições de liderança são abundantes nas Escrituras, incluindo de Moisés para Josué, de Salomão para Roboão (ver Provérbios) e Elias para Eliseu (2 Reis 2:12). No Novo Testamento, os apóstolos lideraram a igreja de Jerusalém até que o Espírito levantou os anciãos (Atos 11:30). Da mesma forma, Paulo deixou Timóteo em Éfeso, Tito em Creta e Áquila em Éfeso até que presbíteros fossem levantados e reconhecidos.

Portanto, o objetivo é que uma igreja local passe por transições perfeitas entre as gerações de liderança para evitar a tragédia de homens que deixam para trás neófitos não treinados para disputar o controle após sua morte. Assim como Moisés, todo ancião deve orar por um homem “que os faça sair, e que os faça

entrar” (Números 27:17). Afinal de contas, as transições não serão incluídas quando o Sumo Pastor recompensar os anciãos com uma “incorrutível coroa de glória” (1 Pedro 5:4)?

Provavelmente o paralelo mais próximo dos anciãos do Novo Testamento no Velho Testamento são os levitas. Seus deveres incluíam administrar fundos (Números 18:26), julgar casos difíceis (2 Crônicas 19:8) e ensinar as Escrituras (Neemias 8:9). O Senhor disse que o período de serviço deles era “da idade de vinte e cinco anos para cima” (Números 8:24) e “da idade de trinta anos para cima até aos cinquenta anos” (Números 4:23). Provavelmente, os primeiros cinco anos eram para treinamento.

Um líder de igreja deve viver “retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina” (Tito 1:9). Essa última frase indica um período de treinamento (não especificado) no qual um ancião em potencial desenvolve o caráter, acompanha os presbíteros nas visitas, observa a tomada de decisões e aprende a alimentar e cuidar do rebanho (João 21:15-17).

Os levitas serviam em três fases distintas: na condição de aprendizes (entre 25 e 30 anos), ativamente (entre 30 e 50 anos) e consultivamente (a partir dos 50 anos). Essa última fase se deve ao fato de o Senhor ter dito: “Desde a idade de cinquenta anos sairão do serviço deste ministério, e nunca mais servirão”

*Que Deus conceda
aos presbíteros de
hoje a admirável
graça do rei Davi
para que percebam
suas limitações e
passem o bastão com
graça e sabedoria.*

(Números 8:25). No entanto, Ele também disse: “Porém com os seus irmãos servirão na tenda da congregação, para terem cuidado da guarda; mas o ministério não exercerão” (v. 26). Seu cuidado com o povo de Deus nunca mudou, mas tão somente a forma como eles o expressavam.

Assim, o coração de um pastor permanece constante, mas seu cuidado com o rebanho é demonstrado primeiro por meio do aprendizado do cuidado com as ovelhas, depois pela realização do trabalho e, por fim, pelo desenvolvimento de outros pastores. Assim, o apóstolo Pedro escreveu: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles” (1 Pedro 5:1). Ele ainda era um ancião (em Jerusalém), mas agora escreve para desenvolver futuros líderes.

O caso da decisão individual

Por motivos físicos, mentais ou emocionais, um líder da igreja pode não ser mais capaz de “cuidar da igreja de Deus” (1 Timóteo 3:5). Honrosamente, ele pode se afastar, pois o futuro do testemunho de Deus é mais importante do que seu próprio senso de utilidade.

Com o envelhecimento de Davi, o carnal Adonias conspirou para assumir a liderança de Israel. Felizmente, Davi ouviu o apelo de Bate-Seba de que era hora de fazer uma transição de liderança (1 Reis 1:15-21). O profeta Natã incentivou o mesmo. Assim, Davi mandou ungir Salomão (v. 35) para que eles pudessem compartilhar a liderança por dois anos antes da morte de Davi. Que Deus conceda aos presbíteros de hoje a admirável graça do rei Davi para que percebam suas limitações e passem o bastão com graça e sabedoria.

O caso da desqualificação identificável

As Escrituras também apresentam casos de falhas de pastores. Isaías falou sobre “pastores que não compreendem” (56:11), Jeremias falou sobre “pastores [que] se embruteceram, e não buscaram ao Senhor” (10:21), Zacarias identificou “pastores [que] não têm piedade” (11:5) e Judas descreveu pastores “apascentando-se a si mesmos sem temor” (v. 12). Assim, Paulo advertiu os anciãos de Éfeso: “Olhai, pois, por vós” (Atos 20:28), porque todo presbítero é capaz de falhar pessoalmente e causar problemas na igreja.

É claro que o caso de um ancião que promove um erro doutrinário (1 Timóteo 1:19-20) ou comete pecado moral (1 Coríntios 5:1-13) resulta em excomunhão, que simultaneamente o remove da liderança. O caso menos claro é quando um ancião não atende mais aos requisitos ou não faz mais o trabalho (em uma atuação

ativa ou consultiva). Nessa situação, ele deve renunciar voluntariamente. Por exemplo, se um presbítero cair no uso de pornografia, ele não é mais um homem de uma só mulher (1 Timóteo 3:2) e deve renunciar o presbitério. Da mesma forma, se um ancião desenvolver problemas de raiva, ele deve se afastar, pois não tem mais “sobriedade” (v. 2).

Infelizmente, há ocasiões em que um ancião deveria se afastar, mas ele se recusa. As Escrituras dizem: “Não aceites acusação contra o presbítero, senão com duas ou três testemunhas” (1 Timóteo 5:19). Portanto, em vez de conversar com ele em particular (primeiro passo de Mateus 18:15-17), as testemunhas devem estar presentes sempre que uma acusação for apresentada contra um presbítero. Se a seguinte declaração, “Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor” (1 Timóteo 5:20), se refere aos presbíteros que continuam em seu erro apesar de terem sido confrontados, a igreja, liderada

*...que possamos
buscar graça e
coragem para lidar
com a situação
de acordo com
as Escrituras.*

por outros líderes, deve então repreendê-los publicamente. Isso ocorreria antes da disciplina da igreja, o terceiro passo de Mateus 18:15-17.

O apóstolo João disse que Diótrefes, que “procura ter entre eles o primado”, estava se recusando a receber os apóstolos e irmãos (3 João vs. 9-10) e acusando falsamente os apóstolos. Com esse caso, aprendemos que se deve buscar uma solução:

No momento certo: Em vez de se precipitar quando as emoções estavam à flor da pele, João esperaria e oraria. Se ainda não estivesse resolvido, ele o confrontaria pessoalmente (“se eu for...”), não por carta.

Pela pessoa certa: Como a parte ofendida, de acordo com Mateus 18:15, João o confrontaria pessoalmente.

Da maneira certa: João “lembraria” quais eram os pecados de Diótrefes à luz da doutrina dos apóstolos. Da mesma forma, hoje, os irmãos espirituais devem trazer à mente de um ancião pecador a doutrina dos apóstolos (Juízes 3) encontrada em nosso Novo Testamento.

Se o ancião ainda se recusar a se arrepender, ele deve ser removido de sua função e talvez excomungado por não querer enfrentar o pecado (Mateus 18:15-20) e por dividir a igreja (Tito 3:10-11). Um caso como esse não deve ser apressado, mas quando ocorrer uma desqualificação identificável, que possamos buscar graça e coragem para lidar com a situação de acordo com as Escrituras.

DIÁCONOS

Mark Sweetnam

Quando se trata da exposição das Escrituras, há alguns assuntos sobre os quais um autor pode embarcar com a certeza de que, embora nem todos concordem com ele, a esmagadora preponderância de seus leitores concordará. Depois, há outros assuntos sobre os quais ele se aventura a publicar sabendo que quase todo mundo discordará de parte – senão de tudo – do que ele escreveu. O assunto dos diáconos se enquadra firmemente na segunda categoria. Os dados das escrituras são tão relativamente escassos e as camadas de tradição são tão espessas que, se você perguntasse a três pessoas o que elas pensam sobre diáconos, poderia muito bem obter quatro respostas diferentes.

Sendo assim, cabe a nós abordar esse assunto com bastante cuidado e o mínimo de dogmatismo, falar onde as Escrituras falam e extrapolar o mínimo possível. Com esse objetivo em vista, examinaremos as referências bíblicas aos diáconos para ver que tipo de imagem elas nos dão desse papel e dos indivíduos que o desempenham.

Essa abordagem, no entanto, é complicada pelo fato de que a palavra grega diáconos pode abranger uma ampla gama de significados. No uso secular, ela pode se referir ao serviço em uma série de esferas diferentes, embora sempre inclua a ideia de serviço realizado por incumbência e com a autoridade de um superior. Assim, no Novo Testamento, a palavra às vezes é usada para designar os empregados domésticos, sem que nenhum contexto espiritual esteja implícito. Em João 2, por exemplo, ela é usada em relação aos servos na festa de casamento em Caná (vs. 5 e 9), e em Mateus 22:13, em relação aos servos do rei, que são ordenados a expulsar o convidado indigno. Diakonia, ou ministério, é

usado para os “muitos serviços” de Marta em Lucas 10:40.

Mais frequentemente, porém, o Novo Testamento usa a palavra diácono para designar aqueles que servem em um sentido espiritual. Em Romanos 13:4, a linguagem de diácono é usada para governantes seculares: “A autoridade... é ministro de Deus para teu bem” (Romanos 13:4). É usada para todo cristão para descrever nosso serviço a Cristo e uns aos outros (João 12:26; Mateus 23:11-12; Marcos 9:35). É usada por Cristo, Paulo, Timóteo, Epafrodito, a família de Estéfano, Arquipo e João Marcos (ver, entre outros, Marcos 10:45; Lucas 22:27; Atos 12:25; 20:24; 21:19; Romanos 11:13; 15:8; 1 Coríntios 16:15; Gálatas 2:17; Colossenses 4:17; 2 Timóteo 4:5,11). A palavra diakonia (ministério) é usada para o serviço dos apóstolos (ver Atos 1:17, 25; 20:24; Romanos 11:13) e para o trabalho missionário de Paulo e Barnabé (Atos 12:25). É usada para o evangelho em 2 Coríntios 3 e 4 e para o trabalho de suprir as necessidades materiais dos santos (Atos 6:1; 11:29; Romanos 15:31; 2 Coríntios 8:4; 9:1, 12 e 13). Todos esses usos têm em vista um empreendimento ou uma tarefa particular e específica – a responsabilidade especial de Paulo de ministrar o evangelho, por exemplo, ou o trabalho envolvido em levar a oferta para os santos a Jerusalém. Em cada contexto, há o conceito, não apenas de uma tarefa específica, mas de indivíduos específicos que foram comissionados para realizar essa tarefa. Em cada um desses contextos, “ministério” é um termo carregado com um senso de dignidade e responsabilidade. E, embora a administração de recursos financeiros esteja envolvida em algumas dessas passagens, não é de forma alguma o caso de que todas, ou mesmo a maioria, estejam preocupadas com o manuseio de coisas materiais.

Isso fica claro em Atos 6. Essa passagem tem desempenhado um papel importante nas discussões sobre diáconos. Frequentemente, muito peso tem sido colocado nessa passagem de uma forma que parece inerentemente problemática, dado o quão incomum eram as circunstâncias em Jerusalém e quão pouca evidência há no Novo Testamento, de forma mais ampla, de que o padrão de Atos 6 deveria ser entendido como normativo. Isso é especialmente verdade, considerando que grande parte do material registrado nos primeiros capítulos de Atos é de natureza transitória. É sábio buscarmos confirmação nas epístolas antes de tentarmos usar os eventos do início de Atos como modelo para a vida da igreja.

No entanto, mesmo se considerarmos Atos 6 como um modelo, devemos observar que ele ainda não apoia a ideia de que o trabalho do diácono está relacionado especificamente à responsabilidade material ou financeira. Em primeiro lugar, os “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (v. 3) que são encarregados da ministração diária (diaconia) nunca são chamados de diáconos. Mais significativas, todavia, são as palavras dos apóstolos ao abordarem a situação que havia surgido em Jerusalém: “E os doze [...] disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos (diakoneō) às mesas. [...] Mas nós perseveraremos na oração e no ministério (diakonia) da palavra” (vs. 2-4). A passagem apresenta não uma, mas duas formas diferentes de trabalho do diácono: o serviço das mesas e o ministério da Palavra. Não há nenhuma sugestão de que elas fossem mutuamente exclusivas; de fato, o exemplo de Estêvão demonstra que não eram. Em vez disso, essa era uma divisão de trabalho que permitia que a obra de Deus, em todos os seus aspectos, progredisse de forma ordenada. Tampouco seria correto descrever um serviço como espiritual e o outro como material; a exigência de que esses sete homens fossem “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” deixa isso tão claro quanto possível. E,

como nas passagens mencionadas acima, há um nítido senso de comissionamento (e da necessidade de qualificação adequada para esse comissionamento), bem como uma responsabilidade clara e identificável.

Resta considerar como é o serviço do diácono no contexto de uma igreja local, pois, embora os princípios descritos acima sejam, sem dúvida, importantes para nossa compreensão do que os diáconos são e fazem, é preciso reconhecer que as especificidades de passagens como Atos 6 ou 2 Coríntios 3 e 4 não são diretamente replicadas no contexto do testemunho da igreja local do século XXI.

Duas passagens são relevantes para essa questão: Filipenses 1:1 e 1 Timóteo 3:8-13. A referência aos diáconos em Filipenses 1:1 é rápida: “Paulo e Timóteo [...] a todos os santos [...] em Filipos, com os bispos e diáconos”. A resposta provavelmente está na ênfase da epístola sobre a unidade da igreja, bem como em seu destaque para a importância do serviço. O que é notável para nossos propósitos atuais, no entanto, é que os diáconos em Filipos eram, assim como os anciãos, um grupo identificável de homens; quando Paulo se dirigia a eles, todos sabiam quem eram. Isso sugere que, assim como os anciãos foram formalmente reconhecidos, os diáconos também o foram.

Essa impressão é reforçada pela discussão mais extensa sobre diáconos em 1 Timóteo 3. Aqui, também, o paralelo dos diáconos com os presbíteros é significativo; diáconos e presbíteros claramente não são a mesma coisa, mas é igualmente claro que são o mesmo tipo de coisa. Além disso, os critérios detalhados para diáconos, embora sejam indubitavelmente importantes para serem considerados por uma pessoa que está se exercitando no serviço, são mais bem compreendidos como a definição do padrão para aqueles que devem ser reconhecidos como diáconos. “E também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis”, contempla claramente um processo de prova seguido pelo reconhecimento de diáconos qualificados

pela igreja.

Os critérios são detalhados e minuciosos e, assim como os que se aplicam aos presbíteros, têm muito a ver com caráter, reputação e autoridade moral para liderar o povo de Deus. Como é o caso dos requisitos para os presbíteros, não há nada aqui que não seja esperado de todos os cristãos; eles são essenciais para os diáconos. Mas, embora esteja claro como deve ser um diácono, Paulo não é explícito sobre o que ele deve fazer. A única indicação do tipo de responsabilidade que um diácono pode ter ocorre no versículo 9: “Guardando o mistério da fé numa consciência pura”. Aqui, “o mistério da fé” resume a verdade que foi revelada e é confiada; é um dos sinônimos próximos que as epístolas pastorais usam para a verdade das Escrituras. O diácono deve manter essa revelação firme; isto é, ele deve tomar posse dela para si mesmo e preservá-la contra todos os ataques. E ele deve fazer isso “numa consciência pura”; ao contrário dos falsos mestres sobre os quais Paulo adverte nesta epístola, sua vida deve estar de acordo com a mensagem. É claro que todo cristão deve manter firme o mistério da fé. Mas o fato de isso ser enfatizado aqui sugere que o papel que Paulo prevê para o diácono é primordial e predominantemente o de ensinar. Isso é confirmado pela promessa de recompensa no versículo 13: aqueles que “servirem bem como diáconos, adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus”. Ou seja, seu fiel cumprimento do dever de diácono lhes dará uma boa posição entre o povo de Deus; eles serão conhecidos e respeitados por sua diligência no ensino da Palavra de Deus. E ao ensinarem, alcançarão “muita confiança na fé que há em Cristo Jesus”. Isso provavelmente não significa que a fé deles será fortalecida, mas sim que, ao ensinarem “o mistério da fé”, a segurança deles sobre o que ensinam aumentará. Embora não possamos descartar a possibilidade de que alguns desses diáconos tenham lidado com responsabilidades materiais ou financeiras, essas responsabilidades não são as principais aqui consideradas.

Uma das implicações claras desses versículos é que os diáconos devem ser homens. Isso é claro, apesar do gosto dos comentaristas igualitários por sugerir que o versículo 11 se refere a mulheres (e, portanto, diáconos do sexo feminino) em vez de esposas. Embora a palavra grega para mulher e esposa seja a mesma, o contexto imediato aqui torna essa leitura improvável e os requisitos do versículo 12 a tornam impossível. Isso não contradiz o elogio de Paulo a “Febe, nossa irmã, a qual é serva [diakonos] na igreja que está em Cencreia”, em Romanos 16:1. Como vimos, o termo diácono é flexível, e Paulo poderia querer dizer aqui que Febe era geralmente uma serva dos cristãos em Cencreia ou que ela estava realizando alguma tarefa – talvez levando uma mensagem – em nome deles. O versículo não oferece mais apoio para que as mulheres tenham algum tipo de cargo oficial de diácono na igreja local do que Romanos 13:4 oferece para que um presidente ou um primeiro-ministro também tenha um.

O ensino bíblico sobre diáconos na igreja local, portanto, enfatiza o caráter e a qualificação. Ele exige que os diáconos sejam identificáveis. Embora suas responsabilidades sejam primordialmente espirituais, e embora devam ser sempre homens espirituais, o fato de as Escrituras não definirem definitivamente seu papel nos dá a flexibilidade de aplicar esses princípios a uma variedade de áreas da vida da igreja. Historicamente, a implementação desses ensinamentos tem oscilado entre dois extremos. Na maioria das vezes, talvez, e em comum com o destino de outras funções na igreja local, o ensino das escrituras foi perdido, e a ideia de um diácono foi transformada em um cargo a ser preenchido em vez de um trabalho a ser feito. No outro extremo, e muitas vezes motivado por uma aversão saudável à prática eclesial estabelecida, o papel do diácono foi reduzido quase à inexistência. Nenhum dos extremos é bíblico, e temos muito a ganhar como povo do Senhor com o ensino do Novo Testamento sobre diáconos na igreja local.

